

RUA DOS TUPINIQUINS

DECRETO Nº 4976 DE 28-10-1976



XXXV — RUA DOS IBITURAMAS — a Rua 35 que tem início à Rua 1 e término no encontro das Ruas 6 e 26.

XXXVI — RUA DOS IGUÁS — a Rua 36 que tem início à Rua 16 e término na Rua Pascoal Note.

XXXVII — RUA DOS JAMARIS — a Rua 37 que tem início à Rua 6 e término à Rua 16.

XXXVIII — RUA DOS JURUPIS — a Rua 38 que tem início à Rua 1 e término à Rua 4.

XXXIX — RUA DOS GÊS — a Rua 39 que tem início à Rua 21 e término à Rua 22.

XL — RUA DOS MARACATINS — a Rua 40 que tem início à Rua 1 e término à Rua 42.

XLI — RUA DOS NHAMBIQUARAS — a Rua 42 que tem início à Rua 45 e término à Rua Quintino de Paula Maudonet.

XLII — RUA DOS PIRATININS — a Rua 43 que começa na Rodovia Campinas-Barão Geraldo e término no início da Avenida 1.

XLIII — RUA DOS PARECIS — a Rua 44 que tem início no balão existente no início da Avenida 1 e término na Rodovia Campinas-Barão Geraldo.

XLIV — RUA DOS PACAAS — a Rua 45 que tem início à Rua 41 e término à Rua 42.

XLV — AVENIDA PRESIDENTE COSTA E SILVA — Avenida 1 que tem início no balão de confluência das Ruas 40, 41, 43 e 44 e término na Rua 37 do mesmo loteamento.

XLVI — AVENIDA VASCO DA GAMA — a Avenida 2 e Rua 65 que tem início na Rua 34 e término na Rua Pedro Vieira da Silva.

ARTIGO 3.º — Ficam denominadas as vias públicas da VILA MIGUEL VICENTE CURY:

I — RUA DOS TOCAÚNAS — a Rua 1 que tem início à Rua 28 e término à Rua 20 do mesmo loteamento.

II — RUA DOS QUINIMURÁS — a Rua 2 que tem início à Rua 28 e término à Rua 20 do mesmo loteamento.

III — RUA DOS SERIMÁS — a Rua 3 que tem início à Rua 28 e término à Rua 23 do mesmo loteamento.

IV — RUA DOS TUPINAMBÁS — a Rua 4 que tem início à Rua 22 e término à Rua 9 do mesmo loteamento.

V — RUA DOS TAPUIAS — a Rua 5 que tem início à Rua 22 e término à Rua 9 do mesmo loteamento.

VI — RUA NICOLAU CERONE — a Rua 6 continuação que tem início à Rua 28 e término à Rua 23 da Vila Miguel Vicente Cury.

VII — RUA DOS TAPAJÓS — a Rua 7 que tem início à Rua 28 e término à Rua 5 do mesmo loteamento.

VIII — RUA DOS TUPINIQUINS — a Rua 8 que tem início à Rua 28 e término à Rua 9 do mesmo loteamento.

IX — RUA DOS TUPINÁS — a Rua 9 que tem início à Avenida 1 e término à Rua 31 do mesmo loteamento.

X — RUA DOS TAMOIOS — a Rua 10 que tem início à Rua 30 e término à Rua 31 do mesmo loteamento.

XI — RUA DOS UAPÉS — a Rua 11 que tem início à Rua 23 e término à Rua 14 do mesmo loteamento.

XII — RUA DOS UANANAS — a Rua 12 que tem início à Avenida 1 e término à Rua 13 do mesmo loteamento.

XIII — RUA DOS UAPIKANÁS — a Rua 13 que tem início na Avenida 1 e término à Rua 31 do mesmo loteamento.

XIV — RUA DOS UANUARÉS — a Rua 14 que tem início à Rua 10 e término à Rua 11 do mesmo loteamento.

XV — RUA DOS VOTORÓES — a Rua 15 que tem início à Rua 31 e término à Rua 9 do mesmo loteamento.

XVI — RUA DOS PAMARIS — a Rua 16 que tem início à Rua 31 e término à Rua 9 do mesmo loteamento.

XVII — RUA DOS BOCUÉS — a Rua 17 que tem início à Rua 31 e término à Rua 9 do mesmo loteamento.



Embora a classificação dos indígenas brasileiros seja um problema complexo e ainda não devidamente solucionado, pode-se no entanto dividir os índios em quatro grandes grupos: Tupis, Jês, Aruaques e Caraíbas.

Os Tupis tiveram seu centro de expansão no vale dos rios Paraguai e Paraná. Sua diretriz migratória foi a sul - norte. Beirando a Serra do Mar, estenderam-se pelo litoral brasileiro: caminhando pelo centro, chegaram até o Amazonas e a parte oriental da Guiana; e, subindo pelo vale do Paraguai, atingiram a Bolívia. Suas principais tribos eram os Tapes, no interior; Carijós, no litoral sul, chegando até Cananéia; Tupinambás e Tamoiós, no Rio de Janeiro; Temiminós, no Espírito Santo; Tupiniquins e Tupinambás propriamente ditos, Na Bahia; e Potiguares, no Nordeste. Existiam, ainda, tribos menores.

Os indígenas, com exceção das tribos do grupo Jês, conheciam a técnica da tecelagem, e com fibras vegetais teciam seus cestos (panacus e urus) e suas redes de dormir e de pescar. Construíam também jiraus para o depósito de objetos, bancos de assento, cercas e armadilhas para animais grandes - chamadas mundéus - e pequenos - as arapucas.

Eram amantes da música, que praticavam em festas de plantação e de colheita, nos ritos da puberdade e nas cerimônias de guerra e religiosas. Os instrumentos musicais dos Tupis eram o toró (flauta de taquara), o boré (flauta de osso), o mimbi (buzina) e o uai (tambor de pele e de madeira).

Em sua organização política os Tupis já haviam chegado à divisão de poderes: ao piaé ou pajé cabia o poder espiritual; ao tubixaba ou tuxauá, o temporal.

(Extraído de fls. 33 a 43, Capíto "O Indígena" da "Historia do Brasil", Vol. I, editada por Bloch Editores, no Rio de Janeiro, em 1972, em homenagem ao 150º aniversário da Independência do Brasil).

RUA DOS TUPINIQUINS



As relações entre brancos e índios, no entanto, não foram apenas de trocas de presentes e realização de festas. Quando os portugueses começaram a apossar-se da terra e a escravizar os índios, o relacionamento começou a mudar. Tendo uma cultura própria com uma ordem social estabelecida e padrões religiosos, houve tribos que se rebelaram, enquanto outras se entregaram ou fugiram para o interior. Ao rebelarem-se, os índios dariam muito trabalho aos portugueses e dificultariam a colonização. Em outros casos, ajudariam os colonizadores. Algumas tribos como os Tupinambás, tornar-se-iam inimigas ferrenhas dos portugueses, aliando-se aos franceses quando estes tentaram estabelecer-se no Brasil. E não deixaram de utilizar a técnica guerreira do europeu - canhões e pólvora - contra uma tribo inimiga, os Tupiniquins.

Tupinambás, Tupiniquins: embora existissem vários grupos espalhados pelo território brasileiro, os usos e costumes dos Tupis são os mais conhecidos. Pois foi principalmente com eles que os portugueses entraram em contato durante o período de colonização.

Ao mesmo tempo que dava notícia ao rei sobre a descoberta, Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Cabral, descrevia a terra e suas possibilidades, as gentes e sua cultura. Os trechos são precisos, quer na descrição física - "a feição deles é serem pardos, à maneira de avermelhados, de bons narizes; os cabelos são corrediços; andam tosquiados, de tosquia alta; as mulheres com cabelos muito pretos e compridos pelas espáduas" - , quer no registro de seus utensílios - "cortam sua madeira e paus com pedras feitas como cunha, metidas em um pau entre duas talas, muito bem atadas e por tal maneira que andam fortes".

O certo é que os portugueses, ao realizar a colonização, encontraram-se com os Tupinambás e Tupiniquins no litoral baiano, sendo que os Tupinambás se estendiam pelo Maranhão; Caetés e Tabajaras, em Pernambuco; Potiguares, no litoral do Ceará e Rio Grande do Norte; Taramambés, no litoral paraense; Tamoiós no litoral de São Vicente e Rio de Janeiro; Tupis e Guaranis, mais ao sul; e Tupinas e Amoipinas, no interior nordestino.

(Extraído do Capítulo "O Índigena" de fls. 33 a 36, no Vol. I de "Historia do Brasil", editada por Bloch Editores, edição de homenagem ao Brasil no 150º ano de sua Independência, 1972, Rio de Janeiro)

(Decreto nº 4976 de 28-10-1976)



Os Habitantes

"ERAM os Tupis - Tu-upi, chefes dos pais ou primeiros pais - os dominadores do Brasil na época do Descobrimento. A terra que habitavam chamavam Tetama ou Pindorama: região das palmeiras. Falavam o Nheengatu - língua boa - que é o Abá-Nheenga dos Guaranis do Paraguai.

Descendentes diretos desses Tupis, diziam-se Tupi-nambás - Tupi-nã-mbá, derivado do parente - que ocupavam a costa desde o Maranhão ao Rio de Janeiro. Aos de língua diversa chamavam Tapui - bárbaro - que deu o Tapuia dos portugueses. Algumas nações tapuias tinham, porém, cultura superior à dos Tupinambás.

Como o estado de guerra - pelos mais frívolos motivos - era constante entre os Tupis, os que se afastavam recebiam diferentes denominações: Tupi-naém - Tupim-aem, tios falsos ou supostos tios; Tupi-niquim - Tupi-náki, filho ou parente; Guay-já - indivíduo igual - de onde veio Goiás; Gualaná - irmãos; Goiatacás - Guaita-cá, os corredores - que habitavam campos.

Dá Guanabara a Angra dos Reis, estendiam-se os Tamoios - Tamói, avós. Viu-os Hans Staden como "gente bonita de corpo e de feição". E acrescenta: "Queimados pelo sol, desfeiam-e a si mesmos com pinturas e não têm barbas, porque a arrancam pela raiz, logo que nasce. Fazem furos na boca e nas orelhas e nêles introduzem pedras, que são seus ornamentos, e se enfeitam com penas".

E assim eram. Fronte larga, cabelos negros e corridos, olhos oblíquos, pelo côr de canela, nariz propositadamente achatado".
("Revelação do Rio de Janeiro" - Eduardo Tourinho).

(Extraído do jornal de empresa "Correio da Tupy", indústria de tubos de Santa Catarina, no número comemorativo ao IV Centenário de fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, relativo aos meses de Janeiro/Fevereiro de 1965, pág. 9)

Janeiro/Fevereiro de 1965

CORREIO DA TUPY